



REDATOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, avenida da Liberdade, 1.º andar, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: *Talhava-Lisboa* • Telefone 5339 C.

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

O último arranço

MUNIÇÕES PARA "A BATALHA"

O desvairamento do governo do sr. António Granjo perante o conflito ferroviário atingiu o seu auge. O interesse do público, tam hidraticamente explorado nas notas oficiais da Arcada, é mais uma vez fordo pelas tesuras do governo, que se propôz efectivar a desunião de todo o material ferroviário existente em Portugal.

Em vez de procurar uma solução ao conflito, aceitando a plataforma conciliatória apresentada pelos grevistas, o sr. Granjo agrava cada vez mais esse conflito, comandando medidas irrisórias, absolutamente incompatíveis com a situação económica que a greve ferroviária agrava.

Outem foi o decreto de militarização dos serviços ferroviários. Hoje são mais três decretos provocadores e irritantes, que atingem a dignidade da classe ferroviária e até a da própria organização operária. Com um desses decretos pretende o governo anular a organização sindical dos ferroviários do Estado, criando uma comissão, a que chama de melhoramentos, em que entram comerciantes, industriais, lavradores e vereadores, em substituição das associações de classe que os ferroviários do Sul e Sueste e Minho e Douro possuem. Em um outro decreto, reduz quase a zero as regras que os trabalhadores dos caminhos de Ferro usufruam, aumentando-lhes as disposições disciplinares dos respectivos regulamentos.

Nunca terceiro decreto, regulando os vencimentos tan insignificante, que empregados, enquadriado não vai além de 1875, 2300, 2825, 2850, 2840 ou 2880, com um aumento respetivamente de: \$05, \$20, \$30, \$40, \$50 e \$55, sendo raros os que chegam até \$70 ou \$80. Os graduados, tais como inspectores, que inferem hoje 4518 e 5556, conseguem-lhes o aumento de 1865 e 227.

Para o público e para toda a gente, está bem evidente a resposta que os ferroviários darão ao governo, perante as imposições que ele faz querer fazer e que afinal não será outra senão a continuação da greve, com a agravamento de algum, que ainda se encontra ao serviço, se declarar imediatamente grevista.

E' o que vai suceder ao sr. António Granjo, que terá de se conformar com a lógica dos factos, bem mais rigorosa e verdadeira do que a que tem usado como ministro.

Compreende-se, porém, a razão a que tem obedecido a publicação de tantos decretos: é o último arranço dum governo incompetente, que, a despeito das suas quixotescas afirmações, apenas contribui para o agravamento da questão económica, como os seus antecessores.

Pois em contraste com esta atitude do governo para com os grevistas, o mesmo governo vai considerar as Companhias e ao Estado o aumento nas tarifas de 100%. Enquanto com as suas medidas a prolongar a greve ferroviária, actuando a normalização dum serviço público dos mais importantes, o sr. António Granjo pretende arrancar ao público o considerável aumento de 100% nas tarifas, deixando o pessoal na

mesma miséria e na contingência de nova greve, para o conseguinte de mais um pouco de pão.

Eis as medidas dos grandes estadistas que ocupam as cadeiras do poder!

Não se compadece a organização operária nem as necessidades das classes que a compõem, com a situação que resultará do estreito crítico do governo, nesta questão de tam transcendental importância.

Não podem as manifestações do comércio e dos representantes das indústrias capitalistas justificar o esmagamento dos ferroviários e o sacrifício do público — do público que tem fome — sobre o qual se pretende fazer incidir um novo agravamento económico. E não podem porque esse comércio e essa indústria são compostos pelos sugaradores do povo que trabalha e produz, e que eles tem roubado tam descaradamente. Os comerciantes e os industriais não representam o povo, porque, dependendo dele, o seu mistério consiste em manter a mais desenfreada exploração. Nesta conformidade, a solução da greve ferroviária distancia-se, ganhando o governo o tempo necessário para cair desastradamente, a não ser que novas medidas, além das enumeradas, venham forçar toda a classe operária organizada a intervir, no sentido de evitar o prolongamento do agravamento económico da vida.

E são assim todos os governantes que em Portugal só tem aspirado pela liquidação das forças proletárias, sem vislumbre de consciência pelos actos praticados.

Nem ao menos as asneiras dos seus antecessores lhes servem de lição.

Não é a primeira vez que um governo dissolve por um decreto organização desta ou daquela classe.

Foi-lo Afonso Costa contra a extinta União Operária Nacional; fe-lo o ministério de António Martins Baptista, contra o pessoal dos Correios e Telégrafos. Afinal, as dissoluções caíram perante a força das próprias classes, que contínham a manter as suas organizações.

E' o que vai suceder ao sr. António Granjo, que terá de se conformar com a lógica dos factos, bem mais rigorosa e verdadeira do que a que tem usado como ministro.

Compreende-se, porém, a razão a que tem obedecido a publicação de tantos decretos: é o último arranço dum governo incompetente, que, a despeito das suas quixotescas afirmações, apenas contribui para o agravamento da questão económica, como os seus antecessores.

Aos ferroviários do Sul e Sueste, Minho e Douro e Companhia Portuguesa

As notas oficiais do governo, publicadas últimamente, fazendo referência a algumas subvenções, são tendenciosas e inexatas.

As subvenções a que se referem são as que já o pessoal ferroviário usufrui, acrescidas apenas duma insignificante diferença de vencimentos, resultante da pseudo-revisão, feita às tabelas do decreto 5605 de 10 de Maio de 1919.

Aos ferroviários da Companhia Portuguesa, exige o governo que a Companhia não conceda um aumento de vencimentos superior ao que impõe aos ferroviários do Estado.

A circulação de comboios que se tem anunciado é reduzidíssima, tendo tripulado por militares, o que não influi no prosseguimento da greve.

O desastre ocorrido ao vapor *Minho*, do Sul e Sueste, ocasionou mortos e feridos, tendo sucedido um outro desastre ao *Douro*, que o inutilizou.

Este Comité convida todos os ferroviários a manterem-se em greve, visto que a solução do conflito se fará em bases conciliatórias.

Enquanto o público vai ser sobrecarregado com um aumento de tarifas de 100%, os ferroviários quer o governo dar um aumento pouco mais de 15% sobre os vencimentos, para os forçar àmanhã a novo movimento.

Que todos se mantenham como na primeira hora.

O Comité Central dos Ferroviários de Portugal

Transporte.....	14.155\$60	Transporte.....	14.171\$20
Quete aberta pelo Sindicato dos Taneiros de Lisboa — Contribuintes:		Elvira	\$20
Faustino Ferreira	\$50	Fortunato António de Oliveira	1800
António Aranha	\$20	Casério da Silva	1800
Janeiro	\$10	Luis Gomes	1800
Manuel Ribeiro	\$20	José dos Santos	1800
José Augusto	\$10	José da Silva Carvalho	2500
José Augusto Nacho	\$10	Manuel Pinto	2500
Ernesto Moura	\$10	Luis Costa	1800
Joaquim Mechalda	\$10	Augusto Claudio	1800
Francisco Dinis	\$10	Adriano Abilio Carvalho	1800
Alfredo Fernandes	\$10	Maria Alves	1800
Abilio Oliveira	\$10	Ana da Silva	1800
Francisco Cardoso	\$10	Palma Conceição	1800
Joaquim Maria Vieira	\$10	Mariânia da Silva	1800
Francisco Ministro	\$10	Carlos Cruz	1800
Júlio Pereira	\$10	José Antunes	1800
João José Caçado	\$10	Artur Fernandes	1800
António Teixeira	\$10	Amaral	1800
Vitor Ferreira	\$10	Margarida	1800
António Rocha	\$10	Raúl dos Santos Dias	1800
Manuel Fernandes	\$10	José Vieira	1800
José de Castro	\$10	Joaquim da Silva	1800
António José da Costa	\$10	Palma	1800
José Vieira	\$20	Serafim Mateus Neves	1800
António Henrique Coelho	\$20	Henrique Arvoredo	1800
Domingos Veríssimo	\$10	Belmiro P. da Silva	1800
Manuel Alves	\$10	Augusto	1800
Capelo	\$10	Isau da Silva	1800
António Ribeiro	\$20	Clóster Teixeira	1800
Pedro da Silva	\$20	João Guerra	1800
Manuel Correia	\$20	João de Sousa	1800
António Pereira	\$20	Eurico Zesito	1800
Augusto Saraiava	\$20	Chapéleira	1800
José Rodrigues	\$20	Apagouse	1800
Bento do Outeiro	\$20	Vitor Garcia	1800
Salvador dos Santos	\$20	António dos Santos Tavares	1800
Júlio Aranha	\$50	António da Silva Pereira	1800
António Vieira	\$50	António A. Abrantes	1800
João Oliveira	\$50	Maria	1800
Henrique Oliveira	\$50	José Lopes	1800
Sabino Marques	\$20	José Maria Fernandes	1800
Joaquim Soárez	\$50	António Brito	1800
Carlos Magala	\$50	Operários do Conselho Técnico da Construção Civil, obra da Morgue — Contribuintes:	1800
Manuel Peres	\$20	Joaquim Francisco	1800
António Pereira	\$30	Manuel Gomes	1800
Lúcio Santos	\$30	António Parreira	1800
José Pintacígo	\$20	Francisco Cavalheiro	1800
Aníbal Lourenço	\$20	Sabino de Carvalho	1800
Augusto	\$20	João Correia	1800
Feliciano	\$10	Manuel de Almeida	1800
António	\$10	Pedro Boa Ventura	1800
António Monteiro	\$50	Desiderio dos Santos	1800
J. M.		José Aparício	1800
Quete aberta na Cooperativa dos Operários Chapeleiros «A Social» — Contribuintes:		Raimundo Francisco	1800
Henrique Júlio	\$20	António Pires Lima	1800
António Florindo	\$50	António Florindo	1800
Artur Baptista	\$20	Salvador Moita	1800
José Rebêlo	\$20	António Maurício	1800
Cândido Martins	\$10	Manuel de Oliveira	1800
Henrique Gonçalves	\$50	António Francisco	1800
Augusto Cardoso	\$20	Francisco Pedro Marques	1800
Maria Moura	\$20	Manuel de Oliveira	1800
Maria Costa	\$20	António Martinho	1800
Argentina	\$20	João Nino	1800
Adelina Peixoto	\$20	Angelo Moreira	1800
António	\$50	Mário António Francisco	1800
A transportar.....	14.171\$20	A transportar.....	14.208\$30

NOTAS & COMENTARIOS

200 por cento Diz-nos da Arada:

Vai ser de 200 por cento o aumento a permitir às empresas ferroviárias sobre a actual sobretaxa de 100 por cento, a fim de poderem fazer face à nova melhoria de situação do seu pessoal.

A falsidade do pretexto apresentado nesta nota para justificar o incompreensível aumento de duzentos por cento nas tarifas ferroviárias noutra parte a demonstramos. Duzentos por cento! O governo propôs aos grevistas um aumento irrisório, uma melhoria insignificante de salários — e, pretende fazê-los acreditarem que são necessários duzentos por cento de aumento nas tarifas para satisfazer esse despeso. Tão certo isto rebenta por qualquer lado...

Epidemia? Do bairro da Alfama foram anteontem removidas para o hospital do Régio cincuenta e seis pessoas. O hospital do Régio

estão atacadas as cinco e seis pessoas que anteontem foram para o hospital do Régio

Um Argus Nas proximidades do chafariz de S. Paulo se juntava ontem um bando de garotões lambusados, tudo gente miuda, daqueles a quem a pronúncia dos rr ainda causa sérios embarrões. Um dos petizes deslumbrava os seus juvens compêndios com uma mortífera pistola de fôlha de Flandres, munida dum galho terrível, que acionava um cão horrível preparado para a percussão de ensurdecedores fulminantes de pal — todo o diabólico aparato cabendo folgadamente numa caixa de fósforos amorfos. Desvanece-se de assombro a petizada, com veracidade a engenhosidade da apavorante máquina; eis que, a pôr sôbrio cônbro no entusiasmo da desculpada puerícia, um guarda republicano, vigilante como um burro, e, vendendo a terrível arma, logo ao garoto se dirige, em mavortiva altitude, e apreende-a. Teso e avesso a intrincas autoritárias, talvez com germes bolkevistas no espírito, entendeu por bem o delinquente não se conformar com o procedimento violento da polícia, e desesperado, berra furiosamente. Junta-se gente, tudo de semelhante percursor, a inquirir das causas do motim, interessado em averiguar as culpas do medido. Vê-se rodeado o guarda; e, para não prolongar a cena, saca do bôlho a pistola de fôlha e penteia-a à observação dos circunstantes que rompem num gorgulhado apocalíptico. A pistola é restituída ao seu dono. E o expeito guarda, para recompensa do seu zelo, diz-nos que só levou na sua corporação da primeira ordem da corporação.

C. G. T.
Conselho Confederal
Réune hoje, às 21 horas prefixas, o conselho confederal, para apreciar o relatório do secretário geral.

As linhas da C. P. agem pessoal abandonando o serviço, e a Companhia declarado não poder realizar o pagamento de falta de verba. A comissão dos ferroviários da C. P. avistou-se anteontem com o sr. Melo

Os ferroviários manteem-se solidários no movimento

O Pórtio operário repudia a manifestação dos comerciantes e industriais — Porque se não diz a verdade sobre o desastre ocorrido com o vapor «Minho»?

A greve dos ferroviários do Sul e Sueste, Minho e Douro e Companhia Portuguesa, continua inalterável, não obstante notícias que pretendem dar como normalizados os serviços. Se um outro indivíduo se apresenta ao trabalho, em nada influí no moral daqueles que se mantém numa solidariedade inque

susto do aviso-papão — os únicos que deram provas de efemézencia — surpreendentemente se encarafaram nas repartilhas.

Nota trágica — uma comissão de comerciantes e industriais foi oferecer os seus serviços ao governador civil. E ao fazê-lo, declarou-lhe, perentoriamente, que isto é independentemente da resolução que as suas classes possam tomar no sentido de bem mostrarem o seu desagrado aos agitadores. Ao aumento do preço dos géneros aproveitando-se da greve ferroviária, vão sobrepor maior exploração ainda. E os industriais, por sua vez, ao roubo e espesinhamento dos seus operários, acrescentam maior roubo e espesinhamento, se possível fôr. E o chefe do distrito, achou bem.

Os ferroviários dos caminhos de ferro do Póvoa à Famalicão saudaram os seus camaradas em luta, protestaram contra a mobilização militar de alguns dos seus componentes, que, contrariados, são impelidos a traírem a causa dos seus irmãos de classe, e tornaram público d'que se não fôram para a greve é porque as suas reparações fôram atendidas dentro dos recursos da companhia, aguardando, no entanto, com serenidade, o decorrer deste movimento ferroviário, para, na oportunidade, agirem conforme as circunstâncias.

Em resumo: o desfalecimento ainda não chegou; e o comité e várias comissões de grevistas tomaram as suas medidas para, em face das prepotências das autoridades, os seus camaradas estarem ao corrente do que se fôr passando; visto que o interesse das autoridades é isolá-los do entendimento, privando-os de comunicações.

Têm desferido bastante a nota política e procurado com que as outras classes trabalhadoras protestem contra a greve ferroviária. A não ser porém, os acabreadores e os gameleiros, ninguém mais protesta. Pois se a causa é a mesma das outras classes produtoras!...

A Batalha só ontém aparecido, de quinta-feira, apesar de ser muito procurada pelos grevistas.

Como estivemos dois dias sem comunicações telefónicas e telegáficas, falou-se muito em revolução na capital, especulando-se logo com a greve ferroviária. Não havia, no entanto, motivos para sustos, já que os serviços ferroviários estão normalizados e as chamadas de reservas militares são constantes. Parece que se trata dum guerra...

A força pública à pranchada — Os "beneméritos" comerciantes e industriais preparam uma manifestação contra os grevistas — Várias notas

PORTO, 9 (as 18.50).—C.—Nas imediações das estações de Campanhã e S. Bento tem havido conflitos. Em frente à última, que se conserva completamente fechada, a força pública, por vezes, tem dissolvido, à pranchada ou coronhada, vários grupos, quer sejam ou não grevistas. As ordens são rigorosas, e estes factos mais tem exacerbar os ferroviários.

Ao que parece, tem havido prisões. Na Delegacia dos ferroviários da C. P., em Gaia, e que ainda não foi encerrada, efectuou-se uma importante reunião mista do pessoal do M. e D. e da C. P., onde foi dada uma lição de moral a um empregado da C. P. mobilizado, que lá apareceu a justificar a sua atitude.

Uma comissão de negociantes e industriais pretende realizar seguida-feira uma manifestação contra a greve, para o que convida o comércio a encerrar as suas portas às 14 horas, que é quando a comissão reúne na praça da Liberdade.

Os sócios do Centro Republicano Ferroviário convidam, para amanhã, às 10 horas, todos os grupos de defesa da República, a reunirem na sua sede a fim de discutirem os intuios e manejos da manifestação dos comerciantes e industriais, pois, sendo os principais causadores da carestia da vida e, portanto, os verdadeiros agitadores, querem esclarecer com a situação. Receia-se alteração da tal ordem.

No Minho, segundo notícias oficiais, levantaram, numa determinada extensão, as linhas. Contra um combóio, em Campbell, foi arremessado um petardo de clorato de potássio, partindo um vido de locomotiva que o rebocava. Em Contumil também dizem ter acontecido outro tanto. Os grevistas, porém, atribuem os casos a manejos ocultos para justificação das reparações.

A uma comissão de ferroviários que lhe fôra solicitar a reabertura da União Ferroviária, o governador civil declarou que não autorizava, em face destes factos acima apontados.

A atitude da imprensa

A Tribuna continua a dar uma no cravo outra na ferradura. Ninguém, como ela, tem condonado os grevistas e especulado com o seu movimento.

Em todo o caso, depois do veneno, da duplidade manifesta, de afirmar, mais uma vez, que se trata de movimentos revolucionários e de querer fazer acreditar que o país se está a agitar contra os ferroviários — quando, afinal, são os comerciantes, os bacalhoeiros, os políticos bem arranjados e governadores, os polícias do Estado, os industriais que nos roubam os seus produtos e os lavradores, os ricos lavradores, que dos campos só cultivam o que lhes convém e o que mais lucro lhes dá — e, como íamos dizendo, de fazer acreditar que o país se está a agitar contra os ferroviários, perguntava:

"Que pensa o governo fazer? Satisfaçam as reclamações dos grevistas? Ou pensa antes em resistir, dominando-os pela força?"

A seguir ao comentário da fórmula defendida pelo filho do peliqueiro em comício público, concorda:

"Ora os ferroviários, sentindo como toda a gente, a alta sensível e constante do custo da vida pediram também a alta dos seus salários."

E acrescenta:

"Mas, sendo assim, se o sr. dr. Grano pensa em fazer a alta de salários, porque deixou os ferroviários ir para a greve e não preferiu satisfazê-los os pedidos antes de estes se largarem nesse movimento, de tam ruinosas consequências para o país? Se ainda agora pensa em ceder, porque demora a solução? Se não pensa em satisfazer as reclamações dos ferroviários, porqueinda pelos comícios públicos fazendo afirmações que só servem para dar razão e autoridade moral aos grevistas?"

Ali está o que A Tribuna pensa, apesar do veneno.

A Montanha, de hoje também, concorda que os ferroviários estão pôs-sivamente pagos. Todavia, mais uma vez entende que devem ir buscar, a landeiro, os grevistas a casa... E por isto, que os democráticos falam em solidismo.

Um manifesto dos ferroviários do Estado

Tem sido distribuído profusamente um manifesto dos camaradas ferroviários do Sul e Sueste e Minho e Douro, em resposta aos três decretos que o governo vai publicar. Vamos transcrevê-lo, à exceção das elucidações tabelas que o acompanham pela absoluta carência de espaço, pedindo a atenção dos leitores para a sua clara exposição:

CAMARADAS:

Mais três decretos vão sair como resposta dos governantes à atitude dos ferroviários do Sul e Sueste e Minho e Douro,

Esses três decretos veem afirmar a incompetência do governo, a sua fragilidade perante um Conselho de Administração que conseguiu subordinar à sua vontade e aos seus caprichos o ministro do comércio, que por sua vez está dando ao país uma prova da sua falta de orientação, confirmando assim o que a imprensa disse sobre a questão suscitada entre aquela entidade e o ex-comissário dos abastecimentos, Alvaro de Lacerda.

Nessa ocasião o jornal O Seculo intimo o ministro do comércio a sair das cadeiras do poder por incompetente.

Hoje, o mesmo jornal, como os seus congêneres, não tem a coragem de repetir a afirmação, pois que a verdade é que esta questão arrasta-se pela incompetência do ministro do comércio e pela sua subalternidade moral ao Conselho de Administração. Os três decretos anunciamos o provam.

O fim a atingir com eles está claramente demonstrado nos seus artigos.

Esmagar a organização associativa da classe ferroviária do Sul e Sueste Minho e Douro; submeter o pessoal a uma disciplina despótica e infame, reduzindo-lhe as regalias que o mesmo usufruía, para, sob uma atmosfera de terror, obrigar os ferroviários a aceitarem quanto lhes queiram impôr, transformando-os num bando de carneiros obedecendo à voz dos despotas; não permitir que o pessoal reclame o que julga justo, criando uma pseudo comissão de arbitragem, onde se assentará no caminho a seguir, foi resolvido que os chauffeurs retomasse hoje o trabalho, tendo-se nomeado uma comissão composta de garagistas, proprietários de automóveis de aluguer e particulares e de chauffeurs, para continuarem as démarches para conseguimento das reclamações de carácter moral e profissional apresentadas pelos chauffeurs por intermédio das suas associações.

Foram exarados na acta votos de louvor ao sr. Artur Afonso Peixoto da C. P., que o governo diz estar concluída, constituiu uma verdadeira burla que quer fazer ao público e aos ferroviários.

Nesta assembleia foi votada a greve em princípio, na eventualidade de as entidades superiores de futuro não resolverem.

Pelo comité da greve foi-nos enviada a seguinte comunicação:

Por motivo de insidiosos boatos prelados com o proposto dividido de prejuízo à classe se reunião conjunta com os senhores automobilistas e garagistas resolvem, para provar que a greve é outro fio não tinha senão, o de conseguir a satisfação das suas justíssimas reclamações e também por as entidades superiores afirmarem que só quando o parlatório abrir, a classe as poderá ver satisfeitas, retornar hoje o trabalho, não abdicando, porém, das reclamações, tendo-se, na hipótese das suas serem preteridas, voltado a greve em princípio.

O comité saiu os camaradas que conscientemente cumpriram o seu dever, e faz votos para que a classe se ceda cada vez mais e que, quando em momento de luta, para defesa de nossos interesses, seja solidária em extremo.

Sem coeso, sem ordem, fez-se uma classificação de classes e categorias que é uma verdadeira irrisão, como os especialistas em assuntos de organização ferroviária podem constatar.

Atenderia à situação económica dos ferroviários, disse o ministro, ao referir-se à revisão das tabelas, estabelecendo uma equidade nos vencimentos e concedendo mais proveitos aos que menos vencimentos tivessem.

Exactamente o contrário, como se conclui da análise das tabelas que se seguiram que são a prova frívola de que o ministro do comércio continua a ser iludido pelas informações que lhe prestaram.

Aos que maiores vencimentos auferiam já, concedeu-lhes a revisão aumentos de 40\$00, 37\$00 e mais, aos desgraçados com ordenados miseráveis, limitou-os a aumentos irrisórios de 15\$00, 9\$00, 7\$00 e 15\$00.

Isto é a obra do Conselho a quem será concedida uma sobretaxa talvez de 100 00 de aumento das tarifas, para o pessoal se conceder apenas o que vêdes.

Verificou pois as tabelas dêsse decreto-burla, cuja revisão se fez à porta fechada, e que nos pretendem impôr, pela força e pela violência, para que fiquemos na mesma miséria e na mesma desgraça em que temos vegetado.

O resto é uma farça.

As horas para o pessoal do movimento, a inclusão nos vencimentos da subvenção de 24\$00, tudo isso é negado.

Tudo está deturpado. A miséria continua-se não a subvermos evitá-la.

E' contra isto que a nossa força e a nossa união tem de continuar a manifestar-se.

Seria a última das cobardias. Seria o maior dos crimes. Seria enfim a liquidação da classe ferroviária, se tal aceitassemos.

E ainda é possível haver ferroviários que se prestem a alimentar com a sua fome todos os roubos que os nossos governantes fazem.

Não! São os poltrões que podem fazer.

Em péso, em massa contra as intenções do governo.

A pé camaradas!

Nem um passo a recuar!

Não estamos um país de escravos, como nos quer afirmar o governo.

Assim como portugueses queremos a autonomia e a independência da nacionalidade, como ferroviários, como trabalhadores, queremos ser livres, queremos a independência e a autonomia da nossa dignidade e dos nossos direitos.

E loucura apossou-se dos homens que se sentam nas cadeiras do Poder.

Saiamos nós, ferroviários, responder-lhe serenamente, mas com firmeza.

O que resta de útil e aproveitável nos Caminhos de Ferro do Estado, está impossibilitado de funcionar, pela salvadora sabotagem, que hoje é a única garantia que o público tem, para, terminar o conflito, poder contar com máquinas para rebocar comboios.

O resto está inutilizado. O último crime praticado pelo governo contra o público, foi o desastre ocorrido com o vapor Minho, que pôs em grande risco a vida de algumas dezenas de pessoas, ficando inutilizado.

Perante tudo isto, só nos resta man-

ter a grande energicamente até à vitória, para que tudo se normalize.

Neste momento a continuação da greve, seria a salvação dos Caminhos de Ferro e a garantia para o público que ainda poderia contar com comboios.

Continuemos pois a luta, que a vitória está garantida.

Seja por quanto tempo for.

Dispomos neste momento dos necessários meios para sustentarmos a luta contra os incompetentes e por isso para a frente sem hesitações, com os nossos valentes camaradas da C. P.

Abajo os "truces" do governo e do conselho de administração.

Viva a greve!

Outubro de 1920.

O Comité Central dos Ferroviários do Sul e Sueste.

Protestos da organização operária

Além da manifestação pública do proletariado do Póvoa a favor das reclamações dos ferroviários, também várias classes operárias do país têm demonstrado a sua solidariedade em tâdas as reuniões que efectuam.

De Beja acabamos de receber o seguinte telegrama:

BEJA, 12.—A classe dos fabricantes de calçado protesta energeticamente contra o conselho administrativo dos caminhos de ferro do Estado.

BEJA, 12.—A classe dos fabricantes de calçado protesta energeticamente contra o conselho administrativo dos caminhos de ferro do Estado.

BEJA, 12.—A classe dos fabricantes de calçado protesta energeticamente contra o conselho administrativo dos caminhos de ferro do Estado.

BEJA, 12.—A classe dos fabricantes de calçado protesta energeticamente contra o conselho administrativo dos caminhos de ferro do Estado.

BEJA, 12.—A classe dos fabricantes de calçado protesta energeticamente contra o conselho administrativo dos caminhos de ferro do Estado.

BEJA, 12.—A classe dos fabricantes de calçado protesta energeticamente contra o conselho administrativo dos caminhos de ferro do Estado.

BEJA, 12.—A classe dos fabricantes de calçado protesta energeticamente contra o conselho administrativo dos caminhos de ferro do Estado.

BEJA, 12.—A classe dos fabricantes de calçado protesta energeticamente contra o conselho administrativo dos caminhos de ferro do Estado.

BEJA, 12.—A classe dos fabricantes de calçado protesta energeticamente contra o conselho administrativo dos caminhos de ferro do Estado.

BEJA, 12.—A classe dos fabricantes de calçado protesta energeticamente contra o conselho administrativo dos caminhos de ferro do Estado.

BEJA, 12.—A classe dos fabricantes de calçado protesta energeticamente contra o conselho administrativo dos caminhos de ferro do Estado.

BEJA, 12.—A classe dos fabricantes de calçado protesta energeticamente contra o conselho administrativo dos caminhos de ferro do Estado.

BEJA, 12.—A classe dos fabricantes de calçado protesta energeticamente contra o conselho administrativo dos caminhos de ferro do Estado.

BEJA, 12.—A classe dos fabricantes de calçado protesta energeticamente contra o conselho administrativo dos caminhos de ferro do Estado.

BEJA, 12.—A classe dos fabricantes de calçado protesta energeticamente contra o conselho administrativo dos caminhos de ferro do Estado.

BEJA, 12.—A classe dos fabricantes de calçado protesta energeticamente contra o conselho administrativo dos caminhos de ferro do Estado.

BEJA, 12.—A classe dos fabricantes de calçado protesta energeticamente contra o conselho administrativo dos caminhos de ferro do Estado.

BEJA, 12.—A classe dos fabricantes de calçado protesta energeticamente contra o conselho administrativo dos caminhos de ferro do Estado.

BEJA, 12.—A classe dos fabricantes de calçado protesta energeticamente contra o conselho administrativo dos caminhos de ferro do Estado.

BEJA, 12.—A classe dos fabricantes de calçado protesta energeticamente contra o conselho administrativo dos caminhos de ferro do Estado.

BEJA, 12.—A classe dos fabricantes de calçado protesta energeticamente contra o conselho administrativo dos caminhos de ferro do Estado.

BEJA, 12.—A classe dos fabricantes de calçado protesta energeticamente contra o conselho administrativo dos caminhos de ferro do Estado.